

JORNAL: O Jornal LOCAL: Quamabara

DATA: 31/01/1964 AUTOR: Quirino Campofiorito

TÍTULO: Ingenuidade, instinto, popularismo e realismo, na pintura primitiva.

ASSUNTO: Maria Geralda - alumna de Ivan.

Artes Plásticas

QUIRINO CAMPOFIORITO

Ingenuidade, instinto, popularismo e realismo, na pintura primitiva

Da pintura de MARIA GERALDA já tratamos aqui, quando se anunciava a sua exposição, aliás a primeira que realiza. Não sabemos dizer se chegou a expor dentre os alunos do Museu de Arte Moderna, quando trabalhou por um pouco de tempo no "atelier" de Ivan Serpa. A mostra de Maria Geralda, agora na Galeria Copacabana Arte, é realmente a sua estreia ante o público. A pintora reuniu 18 telas, todas recentemente realizadas, e dá bem uma demonstração de suas posições artísticas.

Fazendo a apresentação de Maria Geralda, começamos por dizer que ela soma mais um nome entre os nossos pintores primitivistas. E como falamos em pintores primitivista, pensamos em discorrer um pouco, para informação do leitor, sobre o que pensamos de uma orientação artística que possa enquadrar-se, atualmente, no sentido de tal adjetivação.

Uma pintura assim como se demonstra nas telas de Maria Geralda será ingênua, instintiva, popular, realista ou primitiva. Os adjetivos que lhe destinamos hoje, são vários: Parecemos, porém, que todos lhe cabem a um tempo só, porque essa pintura de um purismo concepcional inestimável, tem todas aquelas condições em seu contexto. O pintor que nela se entrosou, será um artista primitivo, pois suas intenções plásticas não ultrapassam a medida em que a forma está e tratamento ligada a singela observação da natureza; — as exigências intelectuais não sofrem as interfe-

rências das convenções idealistas nem das disciplinas escolásticas.

Ingenuidade, instinto, popularismo, realismo, primitivismo, tudo isto junto, numa perfeita harmonia sob o estímulo de um desejo incontido de fazer demonstração de solidariedade social, na qual o pintor se integra com toda sua personalidade. Porque não pensar num neologismo: — **realirismos**. Um realismo lírico.

É sempre muito curioso apreciar os temas escolhidos pelos pintores que assim procedem. Vejamos os temas preferidos de Maria Geralda. São os ritos religiosos e as aglomerações nas pequenas praças e ruas de arrabalde ou pequenas cidades com seu casário minúsculo, multicor e pitoresco. Ali assim temos as criaturas, se solidarizarem, se igualarem, e a pintora, numa euforia de representação, esmera-se em fixar o homem entre os homens, a gente no convívio das gentes, num impulso em que o homem e os homens, a gente e as gentes, caminham ou agem num ritmo uniforme e harmônico.

As aglomerações, os cortejos, o casário policolor e sucessão por vezes monótona de detalhes, — o detalhe como adjetivo total, — o casário como o pouso que exprime a criatura mesmo em ausência, — os cortejos que são o destino do homem que segue e se segue, — as aglomerações que são a simbolização da associação humana.

Uma medida de expressão como esta em que está contida a pintura de Maria Geralda, demonstra uma criatura apegada à realidade objetiva, — visual, diremos para acentuar-lhe a marca predominante. Mas é seguro que sua relação com o fenômeno artístico é a mais aproximada possível. Um pintor que assim se manifesta carrega qualidades inatas de espontaneidade, imaginação e generosidade, — e não as adquiriu no formulário das convenções sociais.

Esta é a primeira exposição de Maria Geralda, repetimos, e assim desejamos dizer que a pintora estreada tem o direito de não exibir ainda tudo o que dela se pode esperar e fica previsto no que agora nos mostra. A Exposição de Maria Geralda está franqueada ao público na sala especial da Galeria Copacabana Arte, à Av. Copacabana, 643, das 14 às 22 horas.